



Orlando de Almeida Pinto

Charles Alberto Villacorta de Barros

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Ser escolhido pelos pares para patronear a Cadeira de número 21 da Academia de Medicina do Pará é, sem dúvida, um privilégio para homens valorosos como o Dr. Orlando de Almeida Pinto. Como haveria de ser, sua vida é farol para aqueles que desejam praticar uma medicina de sobre-eminência. Como patrono, representa todos aqueles artífices que trabalham com as mãos, conforme a etimologia da palavra grega *kheirourgia* (cirurgia) nos ensina.

Vida curta e intensa como a de muitos notáveis, Orlando Pinto, filho de pai e mãe portugueses, nasceu no dia 19 de novembro de 1928, em Belém, cidade das mangueiras, onde se formou, trabalhou e deixou seu legado.

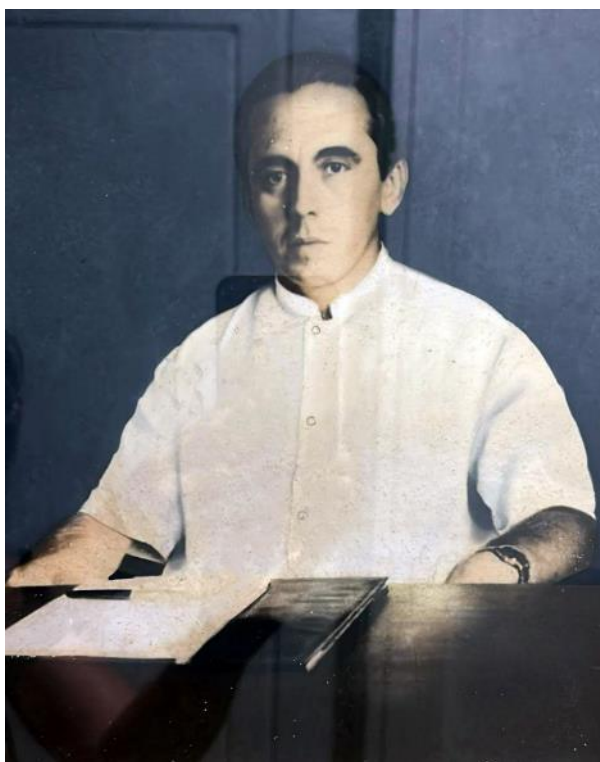
Entrou na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará num momento de muita ebulição. Contemporâneo do movimento estudantil que pleiteava a federalização daquela instituição, foi testemunha ocular da culminância deste longo processo de valorização institucional e de todo o seu corpo docente e discente, o que ocorreu em janeiro de 1950.

No dia 8 de dezembro de 1951, dia de Nossa Senhora da Conceição, ocorria no Salão Nobre da Faculdade a sessão solene de sua formatura, quando contava 23 anos, ladeado pelo Diretor da Faculdade, Dr. Lauro Magalhães, pelo então Governador do Estado,

General Zacharias de Assumpção e pelo Prefeito Municipal, Dr. Lopo Alvarez de Castro, entre outras autoridades.

Em 1960, conforme a publicação “Estabelecimentos de ensino superior”, o Dr. Guaraciaba Quaresma da Gama, Catedrático de Clínica Cirúrgica, tinha na equipe de professores ilustres médicos à sua disposição, entre eles o Dr. Clodoaldo Beckmann, assistente, livre docente, e o então instrutor contratado, Dr. Orlando de Almeida Pinto, à época com 32 anos.

Decidiu seguir a Coloproctologia, área cirúrgica ainda incipiente, com uma sociedade científica instalada no Brasil há menos de 20 anos, tornando-se um dos primeiros especialistas em nosso Estado e o decano da área.



O Dr. Orlando Pinto em seu consultório médico.

Sua habilidade cirúrgica excepcional e seu caráter detalhista, destacados por profissionais que trabalharam a seu lado nas trincheiras da saúde, promovia campos operatórios exangues e brilhantes resultados clínicos.

Sua carreira foi alavancada não somente por sua competência técnica. A polidez no trato com pacientes, alunos e demais colegas

médicos o distinguia como um nobre de sua profissão, e fez com que seu nome fosse diversas vezes lembrado para professor homenageado pelos médicos colandos da instituição a que devia sua carreira profissional.

Seu temperamento pacífico, terno e calmo era sentido também em sua vida pessoal. Médico respeitado pela sociedade, casou-se com Terezinha de Jesus Estrela Pinto, jovem maranhense de 19 anos de idade, e iniciaram rapidamente uma frutuosa família de seis filhos, nesta sequência: Orlando Estrela Pinto, Luiza Laura Estrela Pinto, Leonardo Estrela Pinto, Maria Goretti Estrela Pinto, Maria de Betânia Estrela Pinto e Conceição Estrela Pinto.

As lembranças marcantes para os filhos são de seu convívio domiciliar em uma casa com um grande jardim cuidadosamente cultivado pelo próprio Dr. Orlando, que tinha como hobby tratá-las com esmero. Aos finais de semana, os cinco filhos mais velhos eram levados para clubes da cidade, como a Assembleia Paraense e o Caixaparah, sem nunca se esquecer de seus pacientes. Saía de casa com toda a família no carro para começar a peregrinação de visitas hospitalares antes de chegar ao clube de lazer, seu destino final.

À sua esposa, Sra. Terezinha, deu de presente um acordeom, e se deleitava ouvindo-a tocar nos encontros com seus amigos seletos. Conviveu com os melhores, como era de esperar de um médico excepcional. Foi amigo de um de seus mentores, Dr. Jean Bitar, grande incentivador de sua carreira acadêmica. Também teve sob sua tutela o Dr. Guilherme Guimarães, assistente em diversas de suas cirurgias. Dr. Guilherme tornou-se membro titular de nossa Academia e ocupou exatamente a Cadeira 21, que ostenta seu mestre como nome patroníssimo. Seus amigos pessoais eram também médicos de sua família, como o Dr. Carlos Costa, ginecologista responsável por todos os partos de seus filhos, e o pediatra Dr. Armando Pingarilho.

Apesar de fleumático, não renunciava à reta formação de seus filhos. À mesa de refeições, o cuidado com os detalhes era rigoroso. Todas as crianças devidamente vestidas, arrumadas e calçadas, para que ali acontecesse a gratidão ao alimento concedido pelo Pai celestial. Católico, seu momento de júbilo ocorria quando da Trasladação da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que ladeava a

casa de seu cunhado e amigo íntimo, Dr. José Maria Direito Alvares, na Av. Governador José Malcher, onde toda a família se reunia e confraternizava.

Dividia sua carreira médica entre o consultório particular no edifício Rotary, à rua Ó de Almeida, e as cirurgias no Hospital Ophir Loyola. Não bastassem estas jornadas, foi também membro do Conselho Regional de Medicina, e junto com outros médicos de renome da capital iniciou projeto ambicioso de construção de um hospital particular, considerando a tremenda falta de leitos hospitalares em Belém. Seu projeto se concretizou com a inauguração do Hospital São Marcos, capitaneado pelos demais sócios, em 1968.

Entretanto, cerca de dois anos antes dessa inauguração, numa consulta no Rio de Janeiro descobriu um câncer gástrico avançado, prognosticado com apenas 6 meses de vida pelo oncologista. Isto não o impediu de continuar com seus afazeres da vida pessoal e profissional. Continuou trabalhando e descobriu que sua mulher estava grávida da filha caçula. Apesar de aconselhados por alguns a realizar um abortamento devido a um possível risco genético, Dr. Orlando e sua esposa levaram a termo o nascimento saudável de Conceição. Com a deterioração de sua saúde, quase não teve contato com sua bebê, pois precisou ser internado no Hospital em que tanto amava trabalhar, o Hospital dos Servidores. Ali foi cuidado por muitos profissionais, alguns amigos de longa data, como o Dr. Renato Chalu Pacheco e a Dra. Bettina Ferro de Souza, que o ajudaram até o fim de sua vida. Devido à sua ilustre vida profissional naquele hospital, e com a aquiescência do Governador do Estado do Pará, foi possível ficar instalado na suíte especial do governador durante os seus seis meses de vida restantes. Sua esposa precisou renunciar aos cuidados puerperais de sua filha recém-nascida, que ficaram a cargo de sua irmã, para se dedicar exclusivamente às necessidades do esposo.

Dr. Orlando deixou mulher e seis filhos, no auge dos seus 41 anos, com intensos 18 anos de vida médica. Sua carreira profícua, apesar de curta, forneceu o alicerce financeiro necessário para sua família, que não ficou desamparada nesse sentido. Homenageado por seus pares, seu legado foi perenizado como nome do moderno Centro Cirúrgico inaugurado dentro do hospital que ajudou a idealizar e de Patrono de uma Cadeira da Academia de Medicina do Pará.



Orlando de Almeida Pinto



Patrono da Cadeira n^o 21

